

GÊNERO, CORPO E @TIVISMOS¹

GENDER, BODY AND @CTIVISM

Vagner Matias do Prado²

A sexualidade é tema recorrente nas pesquisas em Educação. Contemporaneamente, os estudos sobre o assunto apresentam discussões dentro de perspectivas que procuram desestabilizar sua compreensão biológica. Ao partir do pressuposto de que a sexualidade é um dispositivo histórico, acionado por mecanismos culturais que intencionam regulá-la, são múltiplos os trabalhos investigativos que problematizam os discursos sociais que, ao construírem conhecimentos sobre a sexualidade, exercem seus “efeitos de verdade” em uma tentativa de regulação e controle dos corpos e seus desejos.

O livro “*Gênero, Corpo e @tivismos*” organizado por Leonardo Lemos de Souza, Dolores Galindo e Vera Bertoline apresenta textos que problematizam a ótica (hetero) normalizadora pela qual a sexualidade é, geralmente, materializada. Os trabalhos também operam com o conceito de gênero enquanto categoria relacional, produtora de posições específicas de sujeitos. Embora oriundos do campo da Psicologia, os organizadores contemplaram textos que, numa perspectiva “pós-crítica”, fornecem questionamentos e bases epistemológicas de grande influência para a área da Educação.

Apresenta artigos de pesquisadoras/es das regiões Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e do Norte do país. Estes trabalhos, em geral, propõem aproximar o ativismo contemporâneo em torno dos gêneros e das sexualidades, destacando-se o ativismo ligado ao movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), à cultura livre (*copyleft*) e ao pós-feminismo. A linha imaginária que “tece” o trabalho, articulando os temas e aproximando as/os autoras/es é a teoria *queer*.

Em sua organização interna, esta obra é apresentada em três seções. Em “*Gênero, corpo e sexualidades na contemporaneidade*” se agrupam textos de cunho teórico

¹ Resenha livre da obra SOUZA, L. L.; GALINDO, D.; BERTOLINE, V. (Org.). *Gênero, Corpo e @tivismos*. Cuiabá: UFMT, 2012.

² Doutorando em Educação FCT/UNESP; Bolsista FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: vmp_ef@yahoo.com.br

que oferecem aporte para investigações sobre gêneros e sexualidades em diferentes contextos. *“Homossexualidades, masculinidades e violências”* problematiza as sexualidades não heterossexuais e a construção da homofobia em sua dimensão escolar e nas políticas públicas, a violência contra as mulheres e a produção da criminalidade feminina. *“Movimento queer, rupturas copyleft e @tivismos”* apresenta trabalhos que articulam os movimentos sociais à denominada “cultura livre”, bem como propõe problematizações acerca do uso dos fármacos e das tecnologias da informação e comunicação enquanto potentes instrumentos de transformações subjetivas, corporais e de militância.

Assim, na primeira seção temos quatro artigos. No primeiro *“Pensando sobre os objetos relações de gênero e sexualidade: inquietações foucaultianas”* as autoras Vilma Nonato de Brício, Flávia Cristina Silveira Lemos e Josenilda Mauês, ao partirem das noções de “práticas discursivas” e “efeitos de verdade”, argumentam que o gênero e a sexualidade se constituem em um conjunto de materialidades que se “entrelaçam e se atravessam”. Todo enunciado apresenta nuances prescritivas, sendo as relacionadas ao gênero e as sexualidades propositoras de normas de referência que pretendem regular os corpos de forma medicalizada.

Em *“Gênero, psicanálise e teoria queer”* Patrícia Porchat centra esforços para problematizar as implicações do uso do conceito de gênero na Psicanálise a partir da obra de Judith Butler. A autora traça os caminhos que a conduziram a pensar o gênero na clínica psicanalítica, argumentando que o termo se refere a “[...] uma categoria política que serve para à investigação sistemática daquilo que pode ser considerado humano e merecedor de reconhecimento” (p. 28). Suas reflexões possibilitam compreender que qualquer pessoa pode se inserir em um contexto político de reivindicação e luta por reconhecimento social, ou seja, não é preciso se reconhecer como negro para lutar contra o racismo, ou como homossexual para enfrentar a homofobia, tampouco como mulher para compartilhar os questionamentos feministas.

“O mal estar das sexualidades e dos gêneros contemporâneos e a emergência de uma psicologia queer” assinado por Wiliam Siqueira Peres empreende esforços para desnaturalizar o “sexo” enquanto imune aos processos sociais e linguísticos que o constitui. Perpassa o conceito de bio-poder preconizado por Michel Foucault em uma tentativa de demonstrar o quanto essa forma de controle sobre o corpo individual, com base na disciplina, marca os sujeitos, autorizando ou não seu trânsito social. O autor aponta para a emergência de um “dispositivo dos gêneros” que, por vezes, singulariza “as expressões

sexuais e de gêneros” e, em outras, normatiza essas expressões “[...] no sentido de dar continuidade às estratégias concretas e cruéis do terrorismo de gênero – imposição de modelos masculinizantes – feminilizantes disciplinados pelo bio-poder” (p. 51).

“*Governo dos corpos, gênero e sexualidades: reflexões sobre situações do cotidiano escolar*” de Marcos Roberto Godoi e Clovis Arantes explicita que a sexualidade se encontra presente nos espaços escolares mesmo sem uma menção direta no currículo. Por intermédio da observação assistemática, apresentam cinco situações-problema, quatro delas ocorridas em duas escolas da rede municipal de ensino de Cuiabá-MT e uma veiculada por uma revista de circulação nacional. A análise dos autores sinaliza para as artimanhas e alcance dos dispositivos dos gêneros e das sexualidades no contexto escolar. Nesses espaços, generificados e generificantes, os sujeitos parecem ser fabricados a partir de modelos hegemônicos e higiênicos em relação à produção da noção de “eu” e dos cuidados relacionados ao corpo e exposições sociais.

A segunda seção contempla cinco textos. O primeiro, de autoria de Graciela Haydée Barbero nomeado “*De quem é a responsabilidade?*” analisa o movimento de visibilidade e “aparente” emancipação relacionados à dita “revolução sexual” pós década de 1960 até as diferentes configurações dos desejos que potencializam a reestruturação de um social, não mais padronizado. Explana que a partir de movimentos sociais de reivindicação de direitos, a militância organizada de gays, lésbicas, transexuais, travestis e bissexuais contribuiu para a criação de condições históricas de possibilidade para a reconstrução da ordem sócio-sexual até então centrada na ótica binária do homem e da mulher e da heterossexualidade presumida para todos e todas.

“*A construção social das diferenças nas (homos)sexualidades e suas relações com a homofobia*” de Fernando Silva Teixeira Filho demonstra de que maneira a “identidade homossexual” foi fabricada a partir do discurso médico-científico na segunda metade do século XIX. Representa a homossexualidade enquanto um fenômeno social moderno, ou seja, “[...] até o século XIX, as pessoas de mesmo sexo biológico se relacionavam homoeroticamente, mas não eram chamadas homossexuais e, portanto, não se sentiam enquanto tais. Assim, as práticas homoeróticas existiam, mas não existia a homossexualidade” (p. 87). Apresenta como “projeto foucaultiano” a busca por novas possibilidades de experimentação, de vivências dos afetos e parcerias que poderiam ser estabelecidas entre dois sujeitos, não necessariamente de ordem genital.

Em “*Homofobia, juventude e escola*” Leonardo Lemos de Souza problematiza as relações entre juventude e homofobia no contexto escolar. Argumenta que a compreensão do termo “gênero” pode contribuir para (re)pensar políticas públicas relacionadas às vulnerabilidades e riscos junto a população jovem. Demonstra que os estudos referentes à juventude apresentam diferenças quando pensados a partir de um recorte de gênero, o que, em alguns casos, pode contribuir para a naturalização de estereótipos relacionados aos comportamentos de meninos e meninas. Sobre os espaços educativos, o autor apresenta resultados de pesquisas que apontam a escola como instituição na qual as diferenças sexuais e de gêneros são marcadas e condenadas ao rechaço.

O texto “*A teoria queer em uma pesquisa sobre a violência contra as mulheres*” de Ricardo Pimentel Mélo e Juliana Ribeiro Alexandre se baseia em uma pesquisa sobre análise de programas de atendimento a homens autores de violência desenvolvida em quatro estados brasileiros. A investigação da qual o texto emerge objetivou rastrear, nas redes de atendimento às mulheres em situação de violência de gênero, espaços destinados à promoção de ações interventivas junto aos agressores. Todavia, o recorte apresentado se restringe a explicitar a base teórica utilizada para tal empreendimento, ou seja, não apresenta os resultados obtidos na pesquisa maior. A partir de uma incursão na produção feminista, com ênfase em sua articulação com o pós-estruturalismo e teoria *queer*, demonstra o quanto essa perspectiva se mostra produtiva para fornecer bases analíticas para pesquisas em diferentes áreas do saber.

“*De dona de casa à prisioneira: uma análise da criminalidade feminina em Mato Grosso*” assinado por Vera Lúcia Bertoline e Izabel Solyszko Gomes investigou o aumento da criminalidade feminina e as especificidades que envolvem a reclusão de mulheres. Realizado em um presídio feminino situado em Cuiabá-MT, a pesquisa atenta para a necessidade de compreensão do processo de aprisionamento de mulheres ao considerar seus posicionamentos sociais de gênero, uma vez que esse quadro infere uma transformação acerca das representações historicamente atribuídas à homens e mulheres. Os procedimentos metodológicos utilizados para a geração de dados constituíram-se de análises de autos processuais, entrevistas com reeducandas, questionários e observação participante durante os momentos empíricos. O estudo atenta para a necessidade de políticas públicas para o sistema prisional que levem em consideração demandas específicas dessa população, tais como a maternidade, bem como questões relacionadas ao nível de escolarização e formação profissional das detentas.

Na última seção do livro temos a apresentação de três artigos que relacionam as questões do corpo, gênero e sexualidade com processos sociais de subjetivação e militância. Em *“Uma dose queer: performances tecnofarmacológicas no uso informal de hormônios entre travestis”* Dolores Galindo, Morgana Moreira Moura e Renata Vilela Rodrigues abordam o uso informal da hormonoterapia entre travestis. Apontam que a intensa atuação da indústria farmacêutica, na atualidade, possibilita com que muitos sujeitos, não necessariamente na condição de “pacientes”, se tornem consumidores de compostos químicos sintéticos. A pesquisa entrevistou travestis residentes em uma cidade de médio porte do interior do Mato Grosso que fazem, ou fizeram, uso de hormônios destinados à população feminina. Pautados nos estudos sociotécnicos os autores argumentam que determinado fármaco ou substância química não possui uma função pré-estabelecida, nem seus efeitos no organismo podem ser determinados a priori.

“Diferenças sexuais lentas, agudas, mansas e táticas” de autoria de Fabiane Borges e Hilan Bensusan marca um texto de linguagem poético-filosófica que ao nos oferecer como “tela” para reflexões uma rápida história de trânsito e encontros esporádicos, problematiza os órgãos genitais enquanto a “casa” segura para a vivência de certa sexualidade. Ao contrário de reduzir a sexualidade a genitalização, nos provocam com a potencialidade de exercitarmos a fuga de nossas genitálias e de “[...] todos os desejos, comportamentos e expectativas que se grudam a elas” (p. 206). A fuga das normas e regulações direcionadas aos gêneros se daria por um exercício ético sobre si que contribuísse para processos de transformações sempre mutantes, capazes de subverterem pressupostos e comportamentos pré-estabelecidos, pois, “[c]orpos são potências – são nossas malas prontas mesmo que não façamos a viagem” (p. 206).

“Relatando o retome a tecnologia: o ciberfeminismo chegou ao Brasil” assinado por Tatiana Wells e Tori Holmes marca o último trabalho apresentado pela obra. O texto apresenta a campanha “Retome a Tecnologia no Brasil” como forma de socialização de experiências sobre o uso e apropriação das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) como ferramenta política de militância ao visibilizar as ações realizadas pelo coletivo em três encontros anuais (2006, 2007 e 2008). O espaço construído por esse coletivo permite a troca de conhecimentos tecnológicos, opiniões e posicionamentos entre mulheres, a problematização das representações midiáticas sobre o feminino, discussões acerca da violência contra as mulheres e se constitui em um espaço para trocas de informações cotidianas. Através de transcrição de textos elaborados pelo grupo e de posicionamentos sobre

experiências pessoais registrados nos chats, o texto demonstra a potência da tecnologia como instrumento de militância e mobilização social entre coletivos, fato este que contribui para a tomada de consciência sobre a condição das mulheres na sociedade capitalista, patriarcal e machista.

Apesar de contemplar reflexões predominantemente teóricas, a obra em geral nos fornece conceitos para (re)pensarmos questões educacionais referentes às relações de gênero e sexualidades que se fazem presentes no contexto escolar. A teoria *queer* apresentada como fundamentação dos textos, infelizmente, ainda encontra dificuldades em se aproximar da área da Educação. Talvez devido aos valores morais, mitos e tabus que rondam os temas por ela problematizados. Embora a perspectiva pós-estruturalista que emana dos textos seja contemporaneamente criticada por, aparentemente, impossibilitar o confronto consciente dos sujeitos para transformar o social, em sua última seção a obra fornece algumas potencialidades para pensar a *agência* humana e seu compromisso com a construção de uma vida mais integradora, coletiva, democrática e altruísta. Aos profissionais que “militam” em seus espaços socioculturais em prol de uma educação para a cidadania, recomendo a leitura!

Recebido em janeiro de 2014

Aceito em março de 2014